

A DUPLA TAREFA DA TEORIA DO CONHECIMENTO NO ITINERÁRIO DAS “CINCO LIÇÕES” DE HUSSERL

The Double task of the theory of knowledge in Husserl's "Five Lessons"

Carlos Cortes Tourinho
UFF

Resumo: O presente artigo aborda a dupla tarefa da teoria do conhecimento nas “Cinco Lições” (1907) de Edmund Husserl: a tarefa crítica denuncia o contrasenso inerente aos tipos de ceticismo em relação ao conhecimento; a tarefa positiva promove a pergunta pela essência do conhecimento. O artigo destaca que a dupla tarefa da teoria do conhecimento é o que determina o itinerário das “Cinco Lições”. O artigo revela, por fim, que a teoria do conhecimento equipara-se a uma fenomenologia do conhecimento, e o que vale para esta fenomenologia valerá para a fenomenologia em geral.

Palavras-chave: Edmund Husserl; “Cinco Lições”; Teoria do Conhecimento; Tarefa Crítica; Tarefa Positiva; Fenomenologia do Conhecimento.

Abstract: The present paper approaches the double task of the theory of knowledge in the "Five Lessons" (1907) of Edmund Husserl: the "critical task" denounces the nonsense inherent to types of skepticism about to knowledge; the "positive task" raises the question of the "essence of knowledge". Finally, it is expected show that the double task of the theory of knowledge is what determines the itinerary of the "Five Lessons". The article shows at last that the theory of knowledge equates to a phenomenology of knowledge, and what is valid to this phenomenology will be valid for the phenomenology in general.

Keywords: Edmund Husserl; "Five Lessons"; Theory of Knowledge; Critical task; Positive task; Phenomenology of Knowledge.

1. Introdução

Resultado das lições proferidas por Husserl em abril-maio de 1907, em Göttingen, as chamadas “Cinco Lições” (*Fünf Vorlesungen*) – publicadas, em 1950, no volume II da Husserliana, sob o título de *A Ideia da Fenomenologia (Die Idee der Phänomenologie)* – marcam uma das primeiras exposições públicas do método da “redução fenomenológica”. Tais lições foram pronunciadas como uma introdução à “Lição sobre a Coisa” (*Dingvorlesung*). Trata-se de uma lição de quatro horas, proferida

no semestre de verão de 1907, pertencente ao ciclo letivo, intitulado “Fragmentos principais da Fenomenologia e da Crítica da Razão” (*Hauptstücke aus der Phänomenologie und Kritik der Vernunft*), na qual Husserl concentra-se na “tarefa geral” (*allgemeine Aufgabe*) de uma “Crítica da Razão”. No texto de introdução à edição alemã das “Cinco Lições”, de setembro de 1947, Walter Biemel chama-nos a atenção para o “caráter propedêutico” de tais lições, que nos permite, a partir de 1907, começar a pensar a fenomenologia de Husserl como um novo idealismo transcendental no século XX¹.

No Brasil, nas últimas décadas, o texto das referidas lições se tornou, no meio acadêmico, uma leitura quase obrigatória para aqueles que, em um primeiro momento, almejavam obter uma palavra introdutória ao projeto da fenomenologia de Husserl (em que pese o caráter repetitivo do texto das “Cinco Lições” e, por vezes, um tanto quanto hermético ao leitor iniciante). Seja como for, proferidas pouco mais de cinco anos após a publicação – em dois volumes – da primeira edição de *Investigações Lógicas (Logische Untersuchungen)*, as lições de Göttingen permitem-nos perceber um “novo início” no caminho traçado por Husserl. Nitidamente, é possível notar, em tais lições, um esforço de Husserl em fazer com que, definitivamente, a filosofia fenomenológica não mais passasse por uma mera “psicologia descritiva”, mas pudesse, a partir de então, ser concebida como “fenomenologia transcendental”. Como o próprio Husserl especifica, a propósito de sua nova posição, em um de seus manuscritos, de setembro de 1907: “As ‘Investigações Lógicas’ fazem a fenomenologia valer como psicologia descritiva... Deve-se, porém, distinguir esta psicologia descritiva, entendida como fenomenologia empírica, da fenomenologia transcendental...”².

A leitura atenta do texto das referidas lições revela-nos que tal esforço é decisivo na tentativa husserliana de elucidação da posição fenomenológica perante o mundo, distinguindo-a de certas posições adotadas habitualmente pelos homens e

¹ BIEMEL, Walter. “Einleitung des Herausgebers” (Louvain, 1947). In: Husserl, E. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. VIII.

² “Die ‘Logischen Untersuchungen’ lassen die Phänomenologie als deskriptive Psychologie gelten...Man muß aber scheiden diese deskriptive Psychologie, und zwar verstanden als empirische Phänomenologie, von der transzendentalen Phänomenologie...”. BIEMEL, Walter. “Einleitung des Herausgebers” (Louvain, 1947). In: Husserl, E. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. IX.

pelas ciências da natureza, imersas no que Husserl denomina de “estádio da ingenuidade” (*Stande der Naivität*); distinguindo-a também de posições que incorrem em algum tipo de “ceticismo” quanto à possibilidade do conhecimento, uma preocupação que inquietava Husserl desde 1900, a propósito do debate sobre a fundamentação da lógica e da sua relação com a psicologia no último quarto do século XIX, em *Prolegômenos (Prolegomena zur reinen Logik)*³. Além disso, o referido esforço almeja elucidar a estratégia metodológica adotada pela fenomenologia para a apreensão e intuição do que aparece como um dado “efetivo e autêntico” (*wirkliche und eigentliche Gegebenheit*) à consciência. Se as “Cinco Lições” marcam época no itinerário traçado por Husserl no século XX, é preciso reconhecer que tais lições apresentam o seu “próprio itinerário”, por intermédio do qual a posição e o método adotados pela fenomenologia vão, aos poucos, se tornando cada vez mais claros para o leitor. Mas, afinal, o que determina a direção do itinerário que é próprio das “Cinco Lições”?

O ponto de partida deste itinerário concentra-se sobre o problema do conhecimento transcendente, para o qual se volta, inicialmente, a própria teoria do conhecimento: afinal, como é possível à vivência cognoscitiva dirigir-se, além de si mesma, a coisas que lhe são transcendentemente e, portanto, que se encontram fora dela própria? Já no começo da “Ordenação das Ideias das Lições” (*Gedankengang der Vorlesungen*), espécie de resumo que antecipa, passo a passo, os assuntos tratados nas “Cinco Lições”, Husserl chama-nos à atenção para o referido problema: “...como pode o conhecimento estar certo de sua consonância com as coisas que existem em si, de as atingir?”⁴.

Se Husserl toma como ponto de partida a reflexão teórico-cognoscitiva (*erkenntnis-theoretische Reflexion*) sobre o chamado “enigma do conhecimento transcendente” (*Rätsel der transzendenten Erkenntnis*), é justamente porque ao se concentrar sobre tal enigma, o exercício reflexivo abre-nos um domínio de

³ Conferir, especificamente, os §§ 21 e 22 do Quarto Capítulo (“Consequências empiristas do psicologismo”) em *Prolegômenos à Lógica Pura*. HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Prolegomena zur reinen Logik. Halle a. d. S.: Max Niemeyer, ([1900] 1913), pp. 60-69.

⁴ “...wie kann Erkenntnis ihrer Übereinstimmung mit den an sich seienden Sachen gewiß werden, sie ‘treffen’?”. HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 3.

investigação próprio da disciplina filosófica denominada de “teoria do conhecimento”. Husserl alerta-nos para a importância de tal disciplina e, principalmente, para o que considera ser a sua “dupla tarefa”: por um lado, uma tarefa “crítica” (*kritische Aufgabe*), cujo propósito maior consistiria em denunciar o contrasenso (*Widersinn*) inerente às formas de ceticismo – “obscuro” (ou “não declarado”) e “manifesto” – em relação ao conhecimento; por outro lado, uma tarefa “positiva” (*positive Aufgabe*), por intermédio da qual conservamos no pensamento a pergunta pela essência do conhecimento. Husserl deixará claro para o leitor das “Cinco Lições” que, no exercício de sua dupla tarefa, a teoria do conhecimento equipara-se a uma “fenomenologia do conhecimento”. E o que vale para tal fenomenologia valerá, tanto em termos da posição assumida quanto do método adotado, para a fenomenologia em geral.

Concentrando-se em tais lições de 1907, o presente artigo apoia-se, então, na hipótese segundo a qual a elucidação da dupla tarefa da teoria do conhecimento permite-nos, de um lugar privilegiado, aclarar a especificidade da posição e do método adotados pela fenomenologia. A dupla tarefa da teoria do conhecimento constitui, de acordo com a referida hipótese, um ponto crucial para o entendimento do que move o itinerário próprio das “Cinco Lições”. Num primeiro momento, o artigo concentrar-se-á sobre a “tarefa crítica”. O exercício desta tarefa permite-nos, ao menos, identificar que: 1) ao ignorar o caráter “enigmático” do conhecimento transcendente, a posição assumida pelas ciências naturais implica em um ceticismo obscuro (ou “não declarado”), porque inapercebido por tais ciências; 2) a reflexão exercida sobre tal problema poderá conduzir à generalização do atributo de “enigmático” para toda e qualquer forma de conhecimento, resultando na aceitação de um ceticismo manifesto (*offenen Skeptizismus*); 3) por fim, a reflexão sobre o referido problema por parte da teoria do conhecimento abre uma terceira linha de investigação, afirmando-nos, distintamente do ceticismo manifesto, que se o conhecimento do que é transcendente torna-se enigmático, isto não nos autoriza a dizer que *todo* o conhecimento o seja. Abre-se, então, um novo domínio de investigação sobre o conhecimento dito “não enigmático”, sobre o qual a teoria do conhecimento exercerá a sua “tarefa positiva”.

A segunda parte do artigo abordará justamente esta segunda tarefa, cujo objetivo maior concentra-se em torno da pergunta pela “essência do conhecimento”.

Destacam-se os seguintes momentos: 1) o exercício da redução fenomenológica como estratégia adotada para apreensão e intuição da essência do conhecimento; 2) a apreensão intuitiva da *intentio* como essência do fenômeno cognoscitivo; 3) a análise desta essência (*Wesensanalyse*), revelando o “ser temporal” (*zeitliche Sein*) da *intentio* e a constituição do que é intencionado objetivamente em seus diferentes modos de aparecimento nos próprios atos de pensamento. O presente artigo mostrará, então, que a dupla tarefa da teoria do conhecimento é o que dirige o próprio itinerário das “Cinco Lições”, além de servir como estratégia adotada por Husserl para a elucidação da posição e do método adotados pela fenomenologia, uma vez que, no exercício destas duas tarefas, a teoria do conhecimento equipara-se, conforme dissemos, a uma fenomenologia do conhecimento, entendida por Husserl como um “fragmento primeiro e básico” da fenomenologia em geral. Vejamos, então, detalhadamente, cada uma destas tarefas.

2. A “tarefa crítica” (*kritische Aufgabe*) da teoria do conhecimento

2.1. A ingenuidade das ciências naturais e o seu “ceticismo obscuro”

Na primeira das cinco lições, Husserl afirma-nos que o modo de consideração natural perante o mundo, denominado por ele de “atitude espiritual natural” (*natürlichen Geisteshaltung*) – adotado habitualmente pelos homens, bem como pelas ciências positivas da natureza – considera o conhecimento como uma obviedade. Como Husserl nos diz, logo na Primeira Lição: “É evidente para o pensamento natural a possibilidade do conhecimento”⁵. Pode-se dizer que tal modo de consideração natural encontra-se apoiado na doutrina do naturalismo, para a qual pensar o mundo consiste em pensá-lo como uma realidade de fatos naturais, na qual o homem (como ente psicofísico e, portanto, como um “fato natural” em meio a outros fatos) estaria confinado a uma relação meramente empírica com os demais entes que habitam o seu mundo circundante. Ao adotar tal atitude, caberia, ao homem de ciência, em uma vivência supostamente cognoscitiva, observar sistematicamente o fenômeno positivo, descrever a sua regularidade, para inferir, enfim, uma generalização empírica. Conforme Husserl esclarece, já no começo da “Ordenação das Ideias das Lições”,

⁵ “Selbstverständlich ist dem natürlichen Denken die Möglichkeit der Erkenntnis”. HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 19.

mergulhada no pensamento natural (*Natürliches Denken*), a ciência dita “positiva” mostra-se despreocupada quanto às dificuldades da possibilidade do conhecimento, pois, a mesma considera como óbvia tal possibilidade. Pode-se dizer, com isso, que a referida ciência manifesta, do ponto de vista filosófico, uma ingenuidade – “imortal” (*unsterblich*), conforme diria Husserl, quatro anos depois⁶ – no realismo que adota frente ao objeto que investiga, uma vez que a mesma não se interroga pelo *sentido* da objetividade que ela própria considera como dada, ou como inquestionável. Deste modo, “dá às costas” para a filosofia e, em particular, para a questão colocada pela teoria do conhecimento: afinal, em que se fundamenta a suposta relação de correspondência entre a vivência dita “cognoscitiva” e as coisas que lhe são transcendentess? O que o pensamento natural considera como “óbvio” e livre de questionamentos, a reflexão – exercida sobre a relação da vivência cognoscitiva com o que lhe é transcendente – revela-nos como um “enigma”, designado por Husserl de “enigma do conhecimento natural” (*Rätsel der natürlichen Erkenntnis*), colocando-nos, assim, frente a frente, com a questão ignorada pelo pensamento natural adotado pelas ciências.

Abrem-se as portas para o exercício da “tarefa crítica” da teoria do conhecimento, cujo propósito será o de denunciar o contrasenso a que nos conduz o ceticismo em relação à temática do conhecimento. O exercício da “tarefa crítica” permite-nos, inicialmente, identificar que, ao ignorar o caráter “enigmático” do conhecimento transcendente, a posição assumida pelas ciências naturais implica em um ceticismo obscuro (ou “não declarado”), na medida em que se torna inapercebido por tais ciências. Ao conceber o mundo como uma realidade de fatos naturais, considerando inclusive o próprio pensamento como um “fato natural” (colapsando a distinção necessária entre o ato psicológico de pensar e o conteúdo ideal do pensamento, o que, por si só, nos conduz a problemas de fundamentos), o pensamento natural confina-nos a uma relação meramente empírica com as coisas, através da qual inferimos “generalizações vagas da experiência” (*vage*

⁶ “Toda a ciência natural é ingênua. Para ela, a natureza que pretende investigar, existe simplesmente...a ciência natural aceita a natureza como dada, uma ingenuidade que nela é, por assim dizer, imortal...”; HUSSERL, Edmund. “Philosophie als strenge Wissenschaft”. In: *Logos*. Tübingen: n. 1, 1911, pp. 298/299. https://www.digizeitschriften.de/dms/toc/?PID=PPN51032052X_1910-11_0001 (Último acesso em 14/03/2016).

Verallgemeinerungen der Erfahrung). Assim, em tal atitude, por mais êxito que o pensamento obtenha em operar tais inferências a partir da observação sistematizada de fatos, fica confinado a proposições cuja validade se torna meramente empírica e que, enquanto tais, não perdem o seu caráter “contingente” (ou episódico), não nos livrando, por conseguinte, do assédio da dúvida e do que não é inteiramente evidente. Lembremo-nos ainda do que Husserl nos diz, no § 21 de *Prolegômenos*: “sobre fundamentos teóricos vagos só podemos fundar regras vagas”⁷. Há, portanto, em tal modo de consideração natural, um ceticismo iminente. Para Husserl, todas as leis alcançadas por indução consistem, na medida em que carecem de validade absoluta, em leis de probabilidade. Se afirmarmos, em conformidade com o pensamento natural, a tese segundo a qual “todas” as proposições inferidas pelo pensamento são generalizações da experiência e, por isso, na medida em que carecem de validade absoluta, são proposições passíveis de questionamento, estaremos supondo, ao menos, que a própria tese afirmada é uma “excessão” à regra. Eis o que permanece desconhecido pelas ciências naturais e, ao mesmo tempo, denunciado pela tarefa crítica da teoria do conhecimento: o contrasenso a que nos conduz o ceticismo inerente ao pensamento natural adotado por tais ciências⁸.

2.2. O ceticismo manifesto e o seu contrasenso: a evidência da *cogitatio*

Se a reflexão exercida sobre o problema do conhecimento transcendente coloca-nos frente à questão levantada pela teoria do conhecimento, abrindo as portas para o exercício de sua “tarefa crítica”, livrando-nos da ingenuidade do modo de consideração adotado pelas ciências naturais, não é certo, contudo, que tal reflexão

⁷ “...vagen theoretischen Grundlagen können nur vage Regeln gründen”. HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Prolegomena zur reinen Logik. Halle a. d. S.: Max Niemeyer, ([1900] 1913), p. 61.

⁸ Em “A filosofia como ciência de rigor” (*Philosophie als strenge Wissenschaft*), artigo escrito para a Revista Logos, em 1911 e, portanto, quatro anos após pronunciar as “Cinco Lições”, a propósito do desconhecimento das ciências em relação ao contrasenso inerente ao pensamento natural que adotam, Husserl nos diz que: “Os preconceitos cegam, e quem somente vê fatos empíricos e intimamente somente reconhece valor na ciência empírica, não se sentirá muito perturbado com consequências absurdas que não podem ser comprovadas empiricamente como contraditórias com os fatos da natureza. Irá desprezá-las como ‘Escolasticismo’”. HUSSERL, Edmund. “Philosophie als strenge Wissenschaft”. In: *Logos*. Tübingen: n. 1, 1911, p. 296. https://www.digizeitschriften.de/dms/toc/?PID=PPN51032052X_1910-11_0001 (Último acesso em 14/03/2016).

nos livre inteiramente da incidência do ceticismo em relação ao conhecimento: “Estamos em perigo permanente de deslizar para o ceticismo”⁹. Husserl mostra-nos, porém, ainda na “Primeira Lição”, que se trata agora de um ceticismo “manifesto”, para o qual a reflexão a respeito do conhecimento transcendente e, por conseguinte, a constatação de seu caráter enigmático, coloca-nos diante de um “obstáculo” em relação à possibilidade do conhecimento em geral: afinal, como é possível que uma vivência intencional, supostamente cognoscitiva, apoiada unicamente em seus conteúdos, possa visar, para além de si mesma, o que lhe é transcendente e, portanto, o que se encontra *fora* de si mesma? Ao considerar que toda vivência dita “cognoscitiva” se deparará, inevitavelmente, com este problema, o ceticismo não hesita em afirmar que o que vale para o conhecimento transcendente valerá para toda e qualquer forma de conhecimento. O ceticismo manifesto generaliza, assim, o caráter enigmático do conhecimento transcendente para o conhecimento em geral. Mas, lembra-nos Husserl que, ao promover tal generalização, o referido ceticismo não deixa de supor a própria vivência de cogitar, livrando-a – sem se dar conta disso – do assédio da dúvida e do questionamento. Em meio à generalização do caráter enigmático do conhecimento transcendente, o ceticismo manifesto não percebe que supõe, com evidência indubitável, a própria vivência de generalização deste questionamento. Trata-se do que Husserl chamará, na “Segunda Lição”, retomando – “convenientemente modificada” (*passend modifiziert*) – as famosas passagens das *Meditações* de Descartes, de “evidência da *cogitatio*” (*Evidenz der cogitatio*). A constatação desta certeza indica-nos, primeiramente, o contrasenso do ceticismo manifesto: não poder generalizar o caráter enigmático do conhecimento transcendente sem que, ao considerar toda forma de conhecimento como “enigmático”, se depare com a certeza da própria *cogitatio* em meio a esta generalização. Mas, a constatação desta certeza nos indica também que se o exercício reflexivo, bem como a constação do caráter enigmático do conhecimento transcendente, abre-nos outro caminho que não aquele trilhado pelo ceticismo manifesto, é na medida em que se pode constatar, com a tarefa crítica da teoria do

⁹ “Wir sind in ständiger Gefahr, in den Skeptizismus zu verfallen...”. HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 21.

conhecimento, que se o conhecimento dito “transcendente” é enigmático, isto não nos autoriza dizer que *todo* conhecimento o seja. O próprio Husserl nos diz que: “O conhecimento não se *nega* nem se declara em *todo* o sentido como algo de duvidoso pelo fato de se ‘por em questão’...fica ainda em aberto se as dificuldades concernem a todos os tipos possíveis de conhecimento”¹⁰. Em seguida, na mesma passagem, Husserl afirma-nos que se a teoria do conhecimento quiser se concentrar na possibilidade do conhecimento, terá de “ter conhecimento sobre possibilidades cognitivas que, como tais, são indubitáveis...”¹¹. Abre-se, então, um novo domínio de investigação sobre o conhecimento dito “não enigmático”, sobre o qual a teoria do conhecimento exercerá a sua “tarefa positiva”. Vejamos, então, em que consiste esta segunda tarefa e quais são as suas implicações para a fenomenologia.

3. A “tarefa positiva” (*positive Aufgabe*) da teoria do conhecimento

3.1. O índice de nulidade, a redução fenomenológica e a intuição de essências

O leitor das Cinco Lições depara-se, então, com o que Husserl denomina de “primeira reflexão teórico-cognoscitiva” (*erste erkenntnistheoretische Reflexion*): afinal, por que o conhecimento é, em determinados casos, passível de questionamento e, em outros casos, torna-se livre do assédio deste questionamento? A resposta a essa questão impõe-nos, de imediato, uma dualidade fundamental que coloca, de um lado, o que é “transcendente” (*Transzendenz*) e, de outro, o que é “imanente” (*Immanenz*). Se o conhecimento das ciências naturais é transcendente, o conhecimento que evidencia a própria *cogitatio* é imanente. Eis um sentido ainda elementar que tais termos assumem no itinerário das “Cinco Lições”. No primeiro caso, dirigimo-nos para o que está *fora* da vivência e esbarramos no enigma do conhecimento transcendente que, por sua vez, torna-se alvo de questionamentos; no segundo caso, deparamo-nos com uma certeza que, a princípio, se revela imune a tais questionamentos, sinalizando

¹⁰ “Nicht geleugnet und nicht in jedem Sinn als etwas Zweifelhaftes hingestellt ist die Erkenntnis dadurch, daß sie ‘in Frage gestellt wird’”. HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 4.

¹¹ “Jedenfalls wenn die Erkenntnistheorie sich auf die Möglichkeit der Erkenntnis richten will, muß sie Erkenntnisse haben über Erkenntnismöglichkeiten...”. HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 4.

à teoria do conhecimento a possibilidade de exercer a sua “tarefa positiva”: a investigação do que é essencial ao conhecimento e, portanto, livre do assédio do que é “enigmático”. Mas, alerta-nos Husserl que a chamada “evidência da *cogitatio*” é a certeza imediata de uma vivência propriamente “psicológica”. Adverte-nos ainda quanto ao risco iminente de deslocarmos a tarefa positiva da teoria do conhecimento – de elucidação do conhecimento quanto às possibilidades essenciais de sua efetuação – para uma explicação científico-natural (psicológica) do conhecimento como “fato natural”. Tal deslocamento implicaria em um retorno ao modo de consideração natural que, apoiado na doutrina do naturalismo, incorreria, conforme vimos, em um ceticismo iminente. Para evitar o risco deste deslocamento, impõem-se à teoria do conhecimento a exigência de adotar uma estratégia metodológica por intermédio da qual a própria elucidação da essência do conhecimento se tornaria possível.

Tal estratégia consiste na suspensão do juízo em relação à posição de existência de tudo o que é transcendente. Renuncio a fazer considerações a respeito do que não me é, imanentemente, revelado como um dado “efetivo e autêntico” (*wirkliche und eigentliche Gegebenheit*). Atribui-se, aqui, nos termos das Cinco Lições, um “índice de nulidade” (*Index der Nullität*) ao que é transcendente e, portanto, a todo o domínio empírico-natural sobre o qual agem as ciências positivas. Mas, e quanto à evidência da *cogitatio*? Uma vez que se trata da certeza imediata da ocorrência da vivência de cogitar (isto é, de afirmar, de negar, de duvidar, etc.) que, como tal, é vivência “psicológica” e, portanto, própria de um eu empírico, de um ente psicofísico em meio a outros entes mundanos, tal certeza não é ainda a de um “dado absoluto” (*absolute Gegebenheit*). Por este motivo, a própria evidência da *cogitatio* deverá, segundo Husserl, cair sob o “índice de nulidade” que, por sua vez, se torna um passo decisivo para o exercício da chamada “redução fenomenológica”. O próprio Husserl confirma tal posição, ao nos dizer que: “... a *cogitatio* cartesiana necessita da redução fenomenológica. O fenômeno psicológico na apercepção e na objetivação psicológica não é realmente um dado absoluto...”¹². No exercício da tarefa que impele à pergunta pela essência do conhecimento, a teoria do conhecimento abandona, definitivamente,

¹² HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 7.

o terreno da psicologia, suspendendo o juízo em relação à posição de existência das coisas, do eu empírico que a vivencia, bem como de suas vivências psicológicas. Reduz-se, por conseguinte, a própria imanência em sentido psicológico: "...imanência na consciência do homem e no fenômeno psíquico real"¹³. Tal ampliação da suspensão de juízo é motivada pela exigência de que a imanência – enquanto "imanência psicológica" e, portanto, considerada como "acontecimento real" (*reales Vorkommnis*) – fosse depurada de todo o resquício de transcendência que em si mesma pudesse ainda conservar. O transcendente será entendido agora não apenas como o que se encontra fora da *cogitatio*, mas sim, nos termos de Husserl, como "conhecimento não evidente" (*nicht evidente Erkenntnis*), como fonte de dúvidas e de incertezas, porém, abrangendo agora o eu empírico em sua relação com o mundo natural¹⁴.

A busca pela apreensão da essência do conhecimento exigirá, então, um novo campo de investigação em cuja imanência o fenômeno do conhecimento se revelaria, objetivamente, como dado absoluto (*als absolute Gegebenheit*). Trata-se, portanto, nos termos de Husserl, de uma "terra firme de dados" ("*Festlande von Gegebenheiten*"). A submissão de todo o transcendente ao referido "índice de nulidade" torna-se um passo obrigatório para a abertura deste novo campo, entendido como esfera do genuíno e efetivo "dar-se em si mesmo das coisas", em cuja imanência tudo aquilo que aparecesse pudesse, então, se dar originariamente e, portanto, com evidenciação máxima – ou como o próprio Husserl prefere nos dizer, em 1913, no § 3 de *Ideias I (Idenn I)*, pudesse aparecer em sua "ipseidade de carne e osso" (*in seiner "leibhaften" Selbstheit*)¹⁵ – livre das limitações que a relação empírica com o mundo circundante (*Umwelt*) insiste em nos impor. Se o exercício generalizado da suspensão de juízo se torna obrigatório para a abertura de uma nova objetividade, própria de um campo fenomenal, o método da redução fenomenológica desloca, definitivamente, a

¹³ "...Immanenz im Bewußtsein des Menschen und im realen psychischen Phänomen". HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 7.

¹⁴ Para uma exposição mais detalhada das variações dos sentidos de "transcendente" e de "imanente" na fenomenologia de Husserl (TOURINHO, Carlos Diógenes "O exercício da *epoché* e as variações do transcendente na fenomenologia de Edmund Husserl". In: *Revista de Filosofia – Unisinos*. São Leopoldo – RS. 13 (1), janeiro-abril de 2012, pp. 30-38).

¹⁵ HUSSERL, Edmund *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, [1913] 1976, pp. 14/15.

teoria do conhecimento para este novo campo que, segundo Husserl, não é senão um “campo de conhecimentos absolutos” (*ein Feld absoluter Erkenntnisse*). Para Husserl, faz-se necessário elevar intuitivamente à consciência da universalidade as objetividades universais deste campo, tornando possível uma “investigação de essências” (*Wesensforschung*) e, com isso, uma doutrina da essência do conhecimento (*Wesenslehre der Erkenntnis*).

Conforme Husserl destaca, na Segunda Lição, com a redução fenomenológica, passamos do fato individual para o que há nele de genérico. O exercício da redução fenomenológica assegura-nos, no itinerário das “Cinco Lições”, a possibilidade de falarmos de uma *eidética* (ou de uma “doutrina de essências”). No que se refere à tarefa positiva da teoria do conhecimento, tal redução conserva, no pensamento, a pergunta pela elucidação do conhecimento quanto às suas possibilidades essenciais, evitando, com isso, o perigo de que a referida pergunta possa ser deslocada para uma explicação científico-natural (psicológica) do conhecimento, o que implicaria em um retorno ao naturalismo e, por conseguinte, a um ceticismo iminente.

A redução fenomenológica exige, como vimos, que tudo o que é transcendente possa ser submetido a um índice de nulidade, forçando-nos à abstenção de considerações sobre toda e qualquer posição de existência. Com isso, encontramos-nos em condições de exercer uma espécie de “técnica de variação imaginária dos objetos”: atendo-me, ao exercer a redução fenomenológica, ao núcleo invariante da coisa, isto é, ao que persiste na coisa pensada (*cogitatum*) mesmo diante de todas as variações as quais a submeto arbitrariamente em minha imaginação. Se, por exemplo, suspendo o meu juízo sobre a posição de existência das montanhas que percebo empiricamente num dado momento, procurando variar na imaginação diferentes possibilidades deste fenômeno (uma montanha verdejante, sem vegetação, coberta pela neve, com uma dada altitude, etc.), retenho, no próprio pensamento, o que não admite a possibilidade do contrário e, por isso mesmo, se torna um núcleo invariante da coisa pensada, sem o qual seria impossível visá-la como o *cogitatum* que ela é. Quando o ato de pensar visa uma montanha, intenciona o que, necessariamente, “tem um vale”. Não se trata agora de visar *esta* ou *aquela* singularidade perfilada na imaginação, mas sim, a montanha “em geral”, *in specie*; nos termos de Husserl, o “*universal idêntico*” (*identische*

Allgemeine) destacado visualmente a partir desta e daquela intuição singular. A variação arbitrária de um objeto qualquer na imaginação permite-nos notar que tal arbitrariedade não pode ser completa, uma vez que há condições necessárias sem as quais as próprias variações deixam de ser variações *daquilo* que se intenciona no pensamento. Cada uma dessas possibilidades (ou desses exemplares) que se perfila na imaginação compartilha, necessariamente, com as demais, algo de “invariante”, coincidindo em relação ao caráter necessário do que é intencionado no próprio pensamento. A apreensão deste núcleo invariante é o que Husserl denominou, nas Cinco Lições, de “visão de essências” (*Wesenschau*).

3.2. A apreensão intuitiva da *intentio* como essência do conhecimento

Pode-se dizer, portanto, que a redução fenomenológica – tal como Husserl a considera nas Cinco Lições – consiste em uma espécie de “redução eidética”, por intermédio da qual a teoria do conhecimento cumpriria uma primeira etapa da sua “tarefa positiva”, deslocando-nos à atenção para o que é próprio do fenômeno do conhecimento, assegurando-nos, mais precisamente, a apreensão e intuição da essência deste fenômeno que, para Husserl, consiste, propriamente, na *intentio*. Afinal, como Husserl esclarece, logo no início da Quarta Lição, todas as vivências cognoscitivas – a despeito das variações as quais podemos submetê-las na imaginação – são vivências “de algo”, dirigem-se, necessariamente, para alguma coisa, supostamente cognoscível. Tais vivências cognoscitivas possuem, sem admitir a possibilidade do contrário e, portanto, como algo que lhes pertence essencialmente, um “visar” (*meinen*), sempre dirigido a uma objetividade¹⁶. Se no que se refere ao

¹⁶ Como herança do pensamento de Brentano, Husserl retém a ideia básica segundo a qual toda consciência é consciência *de* alguma coisa. Husserl conservará, ao longo do seu percurso filosófico, o sentido primordial desta intencionalidade em relação às vivências cognoscitivas. Daí ele próprio afirmar, nas “Cinco Lições”, que: “As vivências de conhecimento possuem, isto pertence à sua essência, uma *intentio*, visam algo, se reportam de tal ou tal maneira a uma objetividade”. HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 55. Partindo desta mesma suposição, Husserl definirá, no § 84 de *Ideias I*, a intencionalidade como “a peculiaridade em virtude da qual as vivências são vivências *de* alguma coisa”. HUSSERL, Edmund *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, [1913] 1976, p. 168. E ainda, no § 14 de *Meditações Cartesianas* (1931), o autor afirma que: “A palavra *intencionalidade* não significa outra coisa senão esta particularidade fundamental e geral da consciência de ser consciente *de* algo, de portar, em sua qualidade de *cogito*, seu *cogitatum* nela mesma”. HUSSERL,

conhecimento transcendente, o “visar” aparece encerrado em um enigma, na medida em que se revela, pela redução fenomenológica, enquanto um “dado efetivo e absoluto”, como essência do fenômeno cognoscitivo, a *intentio* reaparece, na imanência do campo fenomenal, livre do assédio deste enigma.

Ao considerar a investigação fenomenológica como uma “investigação de essências” (*Wesensforschung*), considerando ainda que a teoria do conhecimento remete-nos, pela redução fenomenológica, para a apreensão e intuição da *intentio* como essência do fenômeno cognoscitivo, Husserl não exitará em equiparar a teoria do conhecimento a uma “fenomenologia do conhecimento”, concebida, a partir de então, como um “fragmento primeiro e básico” da fenomenologia em geral.

Investigar, por todos os lados, esta referência intencional que, como tal, corresponde à essência do conhecimento, será a última tarefa das “Cinco Lições”. Dá-se início a um novo extrato de considerações, a uma segunda etapa da “tarefa positiva” da teoria do conhecimento: a análise da essência do conhecimento.

3.3. O “ser temporal” da *intentio* e a constituição das objetividades

Husserl inicia a Quinta Lição lembrando-nos da relação entre redução fenomenológica e intuição de essências: se exerço a redução sobre uma cor percebida, obtenho o fenômeno puro desta cor; não mais visto, através de intuições singulares, esta ou aquela tonalidade de vermelho, por exemplo, mas apreendo intuitivamente o “sentido do pensamento de vermelho em geral” (*den Sinn des Gedankens Rot überhaupt*). Mas, o que dizer de uma vivência de fantasia? Nela, não estou, ao exercer a redução fenomenológica, na plena posse da essência desta cor? Afinal, no que se refere à consideração de essências, o que nos permite distinguir “percepção” de “fantasia”?

O primeiro passo para a redução fenomenológica consiste, como sabemos, em submeter a um “índice de nulidade” todo o transcendente, em suspender o juízo em

Edmund. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. Husserliana (Band I). Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, [1931] 1973, p. 72. Husserl chega mesmo a dizer, no § 84 de *Ideias I*, que o conceito de intencionalidade é um conceito inicial e fundamental, absolutamente indispensável no início da fenomenologia. HUSSERL, Edmund *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, [1913] 1976, p. 171.

relação à posição de existência do que não é inteiramente evidente. Quanto a este primeiro passo, não há, segundo Husserl, qualquer distinção entre percepção e fantasia. Na Quinta Lição, Husserl esclarece-nos que, “em ambos os casos, é irrelevante a posição (real e modificada) de existência” (*die wirkliche und modifizierte Existenzsetzung ist beiderseits irrelevant*) do que é visado no próprio vivido, uma vez que tal posição já se encontra sob o referido índice de nulidade. Como nos diz Husserl, que o som percebido juntamente com a sua intensidade, qualidade, etc., *exista* e que o som da fantasia *não exista*, no que se refere à consideração de essências, isso se torna irrelevante. Através da suspensão de juízo, dá-se a possibilidade da redução fenomenológica e, por conseguinte, a apreensão de essências. Isso vale, no exemplo acima, tanto para as “cores percebidas” como para as “cores fantasiadas”: do ponto de vista fenomenológico, a essência que se evidencia efetivamente como um dado é a mesma. Daí Husserl dizer: “Para a consideração de essências, a percepção e a representação de fantasia encontram-se no mesmo pé de igualdade”¹⁷. A partir de ambas, completa Husserl, “se pode destacar igualmente bem e abstrair a mesma essência, e as posições de existência nelas entremeadas são irrelevantes”¹⁸. Mas, se é assim, o que nos permitiria, afinal, distinguir tais vivências?

Para responder a esta questão, Husserl desloca-nos à atenção para uma temporalidade que é própria da vivência de intencionar algo. Na Quinta Lição, tal temporalidade é apresentada em termos de uma vivência de “duração”, como um fluxo contínuo e ininterrupto de momentos que, uma vez vividos como um “agora efetivo” (*wirkliches Jetzt*), passam e, na medida em que passam, se juntam aos demais “ex-agoras”, retidos intencionalmente em um novo agora respectivo, e assim sucessivamente. Tais momentos duram, nos termos de Husserl, em “um eterno *rio heraclitiano* de fenômenos” (*ein ewiger Heraklitischer Fluß von Phänomenen*). Como o próprio Husserl nos diria, posteriormente, no artigo publicado na Revista Logos, a vivência desta temporalidade como duração não é senão a vivência: “...do ‘tempo’

¹⁷ HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 68.

¹⁸ HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), pp. 68/69.

imaneente, sem princípio e fim, um tempo que nenhum cronômetro mede”¹⁹. A vivência deste fluxo contínuo de momentos que se sucedem uns aos outros não impede, contudo, que esta vivência de duração seja a de um *mesmo* objeto: as passagens de uma mesma melodia que ainda há pouco foram vividas como um “agora efetivo” se tornam “ex-agoras” retidos intencionalmente por um novo agora que retrocede ao passado como um prolongamento contínuo dos momentos anteriores, sem que a melodia deixe de ser vivida – na medida em que varia e dura – como um “mesmo objeto”, evidentemente dado, quanto à sua gênese, como “sendo” (“*seiend*”) a mesma melodia.

Se na percepção deparamo-nos com a vivência de um dado, vivido como um “agora efetivo”, genuinamente presente com evidência, na fantasia, apoiada na “rememoração” (*Wiedererinnerung*), temos apenas a representação deste dado, vivido como um “ex-agora”. Na fantasia, o dado está, por assim dizer, segundo Husserl, “diante dos olhos”, mas não como presença genuína (*aber nicht als reelle Gegenwart*), uma vez que o dado é “representado”. Não obstante, o que é vivido na fantasia “aparece” e, portanto, é visto e, na medida em que é visto, está, em certo sentido, “dado”, mas não como na percepção. Aqui, o mais importante é perceber que o recurso à dimensão temporal para distinguir as vivências de percepção e de fantasia revela-nos algo mais sobre a essência do fenômeno cognoscitivo e, portanto, sobre a própria *intentio*: o seu “ser temporal” (*zeitliche Sein*).

A dimensão temporal da *intentio* revelada, na Quinta Lição, a partir da distinção entre percepção e fantasia, anuncia-nos, por sua vez, diferentes modalidades de aparecimento do que é visado; mostra-nos, enfim, que o que é visado intencionalmente não se encontra no vivido consciente – seja na vivência de percepção, de fantasia, etc. – como algo contido em uma “simples caixa” (*bloÙe Schachtel*), mas se “constitui” no próprio vivido, a partir de diferentes “formas do dar-se” (*Gegebenheitsformen*) ou “modos de objetividade” (*Modi der Gegenständlichkeit*). Daí Husserl dizer que: “...a objetividade não é uma coisa que está dentro do

¹⁹ “...der Linie der anfangs und endlosen immanenten ‘Zeit’, einer Zeit, die keine Chronometer messen”. HUSSERL, Edmund. “Philosophie als strenge Wissenschaft”. In: *Logos*. Tübingen: n. 1, 1911, p. 313. https://www.digizeitschriften.de/dms/toc/?PID=PPN51032052X_1910-11_0001 (Último acesso em 14/03/2016).

conhecimento como num saco, como se o conhecimento fosse uma forma vazia sempre igual...no qual umas vezes está metido isto e, outras, aquilo”²⁰. Antes sim, no dar-se, “vemos que o objeto se constitui no conhecimento”²¹. Importará, então, realçar os diferentes modos do genuíno dar-se, investigar os elementos que, na própria *intentio*, determinam não apenas o que é intencionado, mas também as diferentes modalidades de aparecimento do que é visado, nas vivências de percepção, de fantasia, de recordação, de predicação, etc. Esta será, enfim, uma exigência a mais que se imporá à redução fenomenológica nas Cinco Lições.

4. Considerações finais: sobre os limites das “Cinco Lições”

O que dizer, enfim, do itinerário das “Cinco Lições”? É preciso perceber, primeiramente, que o fio condutor deste itinerário encontra-se na efetivação da dupla tarefa – “crítica” e “positiva” – da teoria do conhecimento, estratégia por intermédio da qual Husserl elucida, pouco a pouco, a especificidade da posição fenomenológica, bem como do método adotado pela fenomenologia. Acrescenta-se ainda que, se a tarefa crítica coloca-nos, desde a primeira lição, a propósito da reflexão sobre o enigma do conhecimento transcendente, diante de um “problema teórico-cognoscitivo” (de uma discussão “epistêmica”, sobre a possibilidade do conhecimento), a crítica do conhecimento desloca, num segundo momento, a teoria do conhecimento para a sua tarefa positiva, assegurando-nos a conservação no pensamento da pergunta pela essência do conhecimento.

Deslocamo-nos, portanto, do problema da possibilidade do conhecimento para uma “eidética” do conhecimento. Do êxito deste deslocamento, segundo Husserl, resulta a possibilidade de uma metafísica – definida, em seus próprios termos, como “ciência do ser em sentido absoluto e último”²². Daí Husserl dizer, já no início da “Ordenação das Ideias das Lições”, que: “A crítica do conhecimento é, neste sentido, a

²⁰ HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 74.

²¹ “Sondern in der Gegebenheit sehen wir, daß der Gegenstand sich in der Erkenntnis konstituiert”. HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 75.

²² “...einer Seinswissenschaft im absoluten und letzten Sinn”. HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 36.

condição da possibilidade da metafísica”²³. A tarefa positiva revela-nos, então, uma espécie de “vocação metafísica” da teoria do conhecimento, na medida em que reinvidica uma apreensão intuitiva do ser mesmo das coisas (no itinerário das Cinco Lições, do próprio fenômeno cognoscitivo). Ao menos nas Cinco Lições, Husserl não desenvolve maiores considerações sobre a relação entre a teoria do conhecimento e a metafísica, dentro do itinerário proposto. Apenas remete o leitor para a referida vocação. Eis uma primeira limitação do texto das “Cinco Lições”.

Observa-se ainda que se a análise da essência do fenômeno cognoscitivo revela-nos o ser temporal da *intentio*, tal análise mostra-nos também que o que é visado intencionalmente aparece, no próprio vivido, sob as diferentes “modalidades do dar-se”. Este último ponto é decisivo, pois, revela que a redução fenomenológica não pode, enquanto método, se restringir a uma mera redução eidética, confinando-nos ao deslocamento de intuições singulares para o pensamento do sentido de algo em geral. Afinal, a essência que se evidencia efetivamente como um dado é “constituída” nos próprios atos intencionais, o que por si só impõe à redução uma nova etapa: deslocamo-nos da essência intuída para os elementos que, no próprio ato, determinam a constituição da essência. É preciso que se diga que as Cinco Lições, enquanto uma simples introdução, apenas aponta, ao final da Quinta Lição, para esta nova exigência que se impõe à redução fenomenológica, sem expor a análise resultante desta nova exigência. Eis uma segunda limitação do texto das Cinco Lições.

É preciso dizer, por fim, que tais limitações não retiram, contudo, o mérito das lições de Göttingen, cujo quadro de assuntos introduz o leitor no que se convencionou chamar de “fenomenologia transcendental”. Tais lições constituem, portanto, um momento importante nas origens da elaboração de um projeto filosófico do qual Husserl jamais se furtou, ao longo de seu itinerário, de (re) introduzir, com clareza e rigor cada vez maiores.

²³ “ – *Erkenntniskritik in diesem Sinne ist die Bedingung der Möglichkeit einer Metaphysik*”. HUSSERL, Edmund. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950), p. 3.

Referências

BIEMEL, W. "Einleitung des Herausgebers" (Louvain, 1947). In: Husserl, E. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950).

HUSSERL, E. *Logische Untersuchungen*. Erster Band. Prolegomena zur reinen Logik. Halle a. d. S.: Max Niemeyer, ([1900] 1913).

_____. *Die Idee der Phänomenologie – Fünf Vorlesungen*. Husserliana (Band II). Netherlands: Martinus Nijhoff, ([1907] 1950).

_____. *Philosophie als strenge Wissenschaft*. In: *Logos: Zeitschrift für systematische Philosophie / Logos*, 1910-1911, 53 Seite (n), pp. 289-341.

_____. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. The Hague, Netherlands: Martinus Nijhoff, [1913] 1976.

_____. *Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*. Husserliana (Band I). Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1973.

TOURINHO, C. D. C. "O exercício da *epoché* e as variações do transcendente na fenomenologia de Edmund Husserl". In: *Revista de Filosofia – Unisinos*, 13 (1), janeiro-abril de 2012, pp. 30-38.

Doutor em Filosofia pela PUC-Rio.
Professor Adjunto IV do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em
Filosofia da UFF.
Coordenador do GT de Fenomenologia da ANPOF
E-mail: cdctourinho@yahoo.com.br